

Os Brasileiros que Retornam de Portugal: atividades Laborais Antes, Durante e Depois da Emigração

Brazilians Returning from Portugal: Jobs Before, During and After the Migration

Romerito Valeriano da Silvaⁱ

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Timóteo, MG

Duval Magalhães Fernandesⁱⁱ

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG

Resumo: A emigração internacional de brasileiros tem ocupado a agenda de diversos pesquisadores de diferentes áreas da ciência. As transformações na economia global que ocorreram nos últimos dez anos lançaram luz sobre a contracorrente desse movimento, o retorno de muitos brasileiros que haviam ido tentar a sorte no exterior. Nesse contexto, o retorno de brasileiros que viviam em Portugal ganha destaque, tanto por este país ter sido um dos principais destinos dos emigrantes brasileiros quanto por ter se transformado em uma das principais vítimas europeias da crise internacional. Logo, neste artigo, procura-se entender um pouco mais a situação laboral antes, durante e após a emigração de um grupo de brasileiros que retornaram de Portugal entre os anos de 2005 e 2013. Para atingir esse objetivo foram realizadas 703 entrevistas estruturadas em 54 municípios brasileiros de 4 estados diferentes, entre janeiro de 2012 e janeiro de 2013. As características dessas atividades laborais e sua comparação com as atividades exercidas no exterior dizem muito a respeito da reintegração dos retornados e do capital humano agregado durante a emigração. Os resultados podem indicar a probabilidade de reemigração e os caminhos possíveis para políticas públicas que tenham como alvo os brasileiros que retornam.

Palavras-chave: emigração internacional, retorno, brasileiros, Portugal

Abstract: Migration of Brazilians abroad has been studied by a number of researchers from different disciplines. Transformation of the global economy over the past decade reversed trends of out-migration with the return of many emigrants back to Brazil, particularly those who had gone to Portugal. Portugal previously had been one of the main destinations for Brazilian emigrants but it became a major European victim of the global economic crisis. Therefore, for a group of Brazilians who returned from Portugal between 2005 and 2013 this article seeks to understand what kind of work they did before, during and after their migration. Structured interviews were conducted with 703 individuals from 54 municipalities in four different states between January, 2012 and January, 2013. The kind of work undertaken abroad was found to be particularly

ⁱ CEFET-MG. romergeo@gmail.com

ⁱⁱ PUC-MG. duval@pucminas.br

important for the reintegration of returning migrants based on the opportunity which they had for building human capital in Portugal. The results indicate the likelihood of remigration and point the way to possible avenues for public policies targeting returning Brazilians.

Keywords: international migration, return migration, Brazilians, Portugal

Introdução

A emigração internacional de brasileiros tem ocupado a agenda de diversos pesquisadores de diferentes áreas da ciência desde que passou a se destacar na dinâmica migratória do Brasil a partir da década de 1980. As transformações na economia global que ocorreram nos últimos dez anos lançaram luz sobre a contracorrente desse movimento, o retorno de muitos brasileiros que haviam ido tentar a sorte no exterior.

Os dados do último censo demográfico do Brasil demonstram que os brasileiros retornam mais dos países que contam com maior estoque de brasileiros no total de sua população e que foram mais afetados pela tão propalada crise financeira internacional a partir de 2008 (IBGE, 2010). Nesse contexto, o retorno de brasileiros que viviam em Portugal ganha destaque, tanto por esse país ter sido um dos principais destinos dos emigrantes brasileiros quanto por ter se transformado em uma das maiores vítimas europeias da crise internacional.

De acordo com os dados de data fixa da amostra do censo demográfico de 2010, nesse ano havia no Brasil 186.323 brasileiros natos que não viviam no país em 31 de julho de 2005, que podem, portanto, ser considerados parte da população que retornou do exterior. Esse número representa mais do que o dobro da quantidade encontrada no censo de 2000. As principais origens desses brasileiros foram Estados Unidos, Japão, Portugal e Paraguai. Nomeadamente, de Portugal retornaram mais de 17 mil brasileiros, um número mais de oito vezes superior ao constatado no censo de 2000. Nesse contexto, o estudo dos emigrantes brasileiros que retornam de Portugal assume uma importância significativa, principalmente por se tratar de um destino até então menos visado pelos pesquisadores da emigração internacional brasileira (idem, *ibidem*).

A maior parte dos brasileiros retorna de Portugal em idade ativa e procura se reinserir no mercado de trabalho nacional. Muitos emigraram em plena capacidade laboral, tendo deixado empregos e/ou trabalhos para trás em busca de uma melhor remuneração no exterior, mesmo que isso implicasse a realização de atividades que se recusavam a exercer no Brasil. Ao analisar a inserção laboral de imigrantes, Piore (1979) indica que o mercado de trabalho se distribui em pelo menos dois setores: o primário, que exige melhor qualificação e implica maior remuneração, e o secundário, que, ao contrário, remunera menos e demanda pouca qualificação. Os imigrantes, assim como outros grupos mais vulneráveis da sociedade, tendem, segundo o autor, a ocupar vagas no setor secundário da economia. É onde se acredita que os brasileiros se encontravam como emigrantes em Portugal, o que, se confirmado, pode implicar mais desafios para sua reinserção no mercado de trabalho nacional, uma vez que, ao retornarem, tendem a não querer exercer atividades secundárias no território nacional. Com base nos aspectos apresentados, neste artigo procura-se entender um pouco mais a situação laboral antes,

durante e após a emigração de um grupo de brasileiros que retornaram de Portugal entre os anos de 2005 e 2013.

Migração Internacional e Migração de Retorno

No momento em que o mundo se depara com mais uma crise migratória, evidenciada por imagens e notícias sobre milhares de pessoas que tentam chegar à Europa, o estudo das migrações internacionais ajuda a compreender que as notícias recentes são apenas a ponta do iceberg. Afinal, Castles e Miller (1998) já afirmavam em 1998 que a sociedade vivenciava “a idade da migração”, assim como Massey et al. (2009) destacavam que no fim do segundo milênio presenciavam-se “mundos em movimento”.

Segundo dados da ONU, havia 213 milhões de migrantes internacionais no ano de 2013, sendo que, destes, 59% viviam em países desenvolvidos (UNITED NATIONS, 2013). Apesar de esse número de migrantes representar apenas cerca de 3% da população mundial, trata-se de um fenômeno que impacta a vida de várias outras pessoas que estão relacionadas de forma direta ou indireta com o ato de migrar para outro país. Diferentes teóricos tentaram desvendar as razões por trás desse ato, e isso levou ao desenvolvimento de alguns olhares sobre a migração que podem ser chamados de teorias das migrações.

Para os teóricos denominados neoclássicos, as migrações internacionais estão relacionadas com a diferença de rendimento entre os países, sendo o ato migratório uma decisão individual do emigrante que tenderia a pressionar os salários na região de destino por meio da maior oferta de mão de obra (HARRIS; TODARO, 1970; SJAASTAD, 1962). Já para os estudiosos da teoria da nova economia das migrações, a decisão sobre migrar ou não é compartilhada com outros membros da família e/ou da comunidade de origem do emigrante, que contribuem com suporte para a emigração, bem como dividem com o emigrante os benefícios dela (STARK, 1991). Além desses, destacam-se ainda aqueles estudiosos que relacionam as contradições do sistema capitalista às migrações internacionais, entendendo estas como causa e consequência da expansão capitalista pelo mundo (SASSEN, 2005; 2007; SINGER, 2003). Tal percepção, denominada histórico estrutural, contribui para o entendimento da visão de Mabogunge (1970), Fawcett (1989) e Baganha (2009) sobre a criação de verdadeiros sistemas migratórios que controlam as origens e os destinos das migrações internacionais, inviabilizando uma aleatoriedade desses fluxos migratórios.

Para além dessas teorias, que podem ser consideradas como vinculadas aos fatores causais das migrações, ainda há aquelas abordagens que analisam aspectos que podem ser considerados como fatores de perpetuação das migrações internacionais (VALERIANO, 2015). Nesse sentido, os destaques são as abordagens que consideram a importância das redes migratórias formadas por migrantes, ex-migrantes, amigos e familiares, que contribuem para reduzir as dificuldades inerentes ao ato de emigrar (BOYD, 1989; PORTES; BOROCZ, 1989; MASSEY, 1986); e as que entendem a migração internacional como sendo cumulativa, o que cria condições para a formação de regiões de tradição emigratória que tendem a continuar existindo independentemente dos fatores causais que iniciaram a migração (MYRDAL, 1957; MASSEY et al., 2009).

Todas as diferentes abordagens teóricas sobre as migrações internacionais apresentadas anteriormente dão ênfase à análise da migração internacional de caráter laboral, base do presente artigo. Ainda nesse aspecto, é importante mencionar a teoria do mercado de trabalho dual, desenvolvida por Piore (1979) e já citada. Segundo essa abordagem, a migração internacional é resultante de uma demanda maior por trabalhadores em algumas áreas, enquanto outras enfrentam problemas com um excesso de oferta de mão de obra.

Segundo Massey et al. (2009), as diferentes teorias migratórias devem ser combinadas para se entender a complexidade do fenômeno, aproveitando-se as contribuições de cada uma delas para responder às questões que envolvem o movimento das pessoas pelo espaço mundial. Além disso, é importante ressaltar que o estudo das migrações internacionais perpassa diferentes abordagens também geográficas e atende às demandas de uma subárea da ciência geográfica, a geografia da população, que, entre outros aspectos, confere especial atenção ao estudo do movimento da população como mais um elemento de constituição do espaço geográfico que merece ser analisado (KING, 2011; BAILEY, 2005; NOIN, 2005).

Neste artigo confere-se especial atenção ao movimento de retorno dos emigrantes internacionais, entendido, segundo a concepção de Gmelch (1980), como sendo aquele movimento de emigrantes que retornam com o objetivo de se estabelecer no país de origem. Diferentes estudiosos se dedicaram ao estudo do retorno dos imigrantes internacionais, alguns na tentativa de criar uma tipologia dos movimentos de retorno, como Cassarino (2004), Gmelch (1980) e Cerase (1974); e outros na busca de compreender os impactos sociológicos da migração de retorno (Sayad, 2000). Contudo, esse ainda é um dos aspectos menos estudados no que tange à migração internacional, mas que vem ganhando importância no Brasil nos últimos anos em razão do aumento do número de emigrantes brasileiros que estão retornando ao país. Essa nova situação migratória brasileira contribuiu para o desenvolvimento de diferentes pesquisas sobre o retorno de brasileiros, com destaque para as desenvolvidas por Valeriano (2015), Fernandes (2013), Pereira e Siqueira (2013), Siqueira e Santos (2012), Anício (2011), Nunan (2012 e 2006) e Siqueira (2009).

Tendo como fundamentação os diferentes trabalhos mencionados, buscou-se realizar o estudo que aqui se apresenta com a expectativa de contribuir com dados empíricos que venham a indicar novos caminhos de pesquisa, bem como colaborar com os estudos mais recentes sobre o retorno de imigrantes brasileiros.

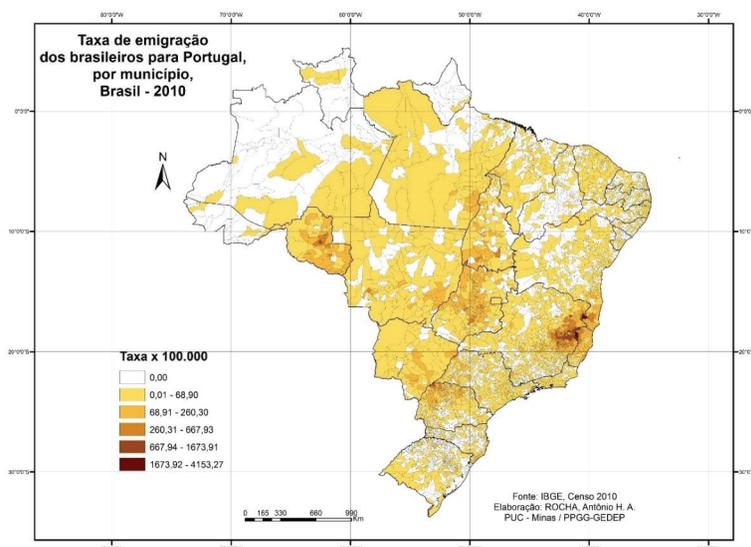
Métodos

Para atingir os objetivos apresentados, foram realizadas 703 entrevistas estruturadas em 54 municípios brasileiros de 4 estados diferentes (Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná e Rondônia) entre janeiro de 2012 e janeiro de 2013. Esse levantamento foi parte de um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado “A crise e a migração de retorno: o caso dos imigrantes brasileiros em Portugal”, realizado pelo Grupo de Estudos em Distribuição Espacial da População da PUC-Minas, que contou com financiamento do CNPq.¹ Neste artigo são abordados apenas alguns dos aspectos abrangidos pelo projeto de

pesquisa, no caso, as características laborais dos brasileiros antes da emigração, durante o período em que viviam em Portugal e depois do retorno ao Brasil.

A amostra que foi usada para as entrevistas pode ser classificada como não probabilística, definida por meio da técnica “bola de neve”, que permitiu identificar a realidade específica do grupo estudado. Para definir os locais onde seriam realizadas as entrevistas, foi criada uma taxa baseada na proporção da quantidade de brasileiros que emigraram para Portugal em relação ao total da população dos municípios brasileiros. Essa taxa indicou os municípios brasileiros em que haveria maior possibilidade de encontrar imigrantes que retornaram de Portugal (Figura 1). Assim, a pesquisa teve como foco os menores municípios, por se acreditar que a influência dos emigrantes internacionais tende a ser relativamente maior nessas áreas, pela necessidade de mais pesquisas sobre a migração internacional de retorno no interior do Brasil e pela maior probabilidade de encontrar o público-alvo do estudo nessas localidades.

Figura 1 – Mapa da taxa de emigração dos brasileiros para Portugal



Para a análise dos resultados foram utilizados programas de análise estatística, como o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), e de mapeamento, como o ARC GIS. Os dados foram interpretados com base em estatística descritiva e testes de hipóteses.

Apresentação e Discussão dos Resultados

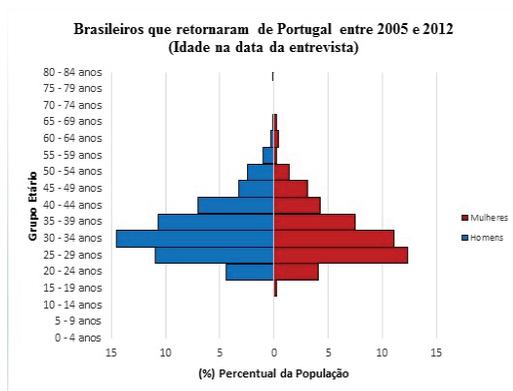
Perfil dos entrevistados

Em relação ao perfil dos entrevistados, foram encontrados mais homens (54,8%) do que mulheres (45,2%). Esses dados condizem com outros estudos sobre o retorno de brasileiros no período da crise financeira internacional, que demonstram que os setores

ocupados pelos homens, como a construção civil, foram mais afetados pela crise do que os setores ocupados pelas mulheres (PEIXOTO, 2013). Além disso, o possível empoderamento das mulheres durante a experiência emigratória tende a fazê-las mais resistentes à ideia de retornar, daí a maior probabilidade de se encontrar mais homens do que mulheres que retornaram.

A idade média dos entrevistados é de 34 anos, sendo que as idades mais frequentes estão entre 25 e 39 anos, como se pode verificar na Figura 2. As faixas etárias predominantes confirmam que se trata de uma população em idade ativa, o que pode indicar um possível aumento na pressão por trabalho nas áreas para onde esses emigrantes retornaram.

Figura 2 – Pirâmide etária dos entrevistados



Fonte: dados da pesquisa, 2012 e 2013.

A maioria dos entrevistados (47,4%) se declarou como casada; 31% afirmaram que estavam solteiros; 11,5%, que viviam junto com companheiro ou companheira, mas sem oficialização da união. O estado civil predominante entre os entrevistados pode ser mais bem entendido quando combinado com a idade média desse grupo. Como a faixa etária modal está entre 30 e 34 anos, pode-se dizer que é uma fase da vida na qual os brasileiros já tendem, sobretudo no interior, a formar uniões, oficializadas ou não. Além disso, o fato de ter retornado de uma experiência emigratória pode levar o retornado a ter uma perspectiva mais definitiva quanto à sua permanência no local de origem, o que também pode contribuir para a formação das uniões após o retorno. Tudo isso ajuda a compreender o grande percentual de pessoas casadas entre os entrevistados.

Constatou-se que 38,4% dos entrevistados estudaram até o 3º ano do ensino médio, 12,2% até a 8ª série do ensino fundamental, 8,5% até a 4ª série do primário e 20% estudaram menos de quatro anos. A escolaridade dos entrevistados é maior, em termos relativos, do que a escolaridade geral da população brasileira e portuguesa. Essa informação é contrária aos argumentos daqueles que apontavam que os imigrantes brasileiros em Portugal apresentavam predominantemente baixa escolaridade. Outrossim, aponta o potencial desses retornados como mão de obra escolarizada.

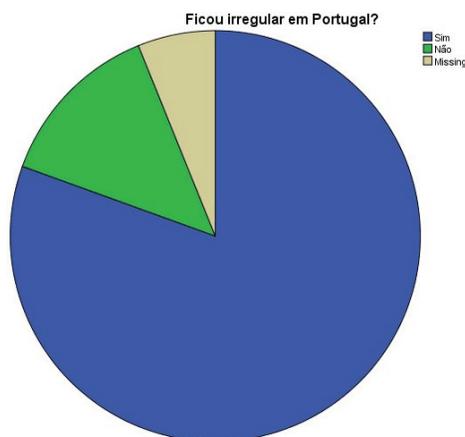
Em média os entrevistados tinham retornado de Portugal há pelo menos dois anos e nove meses antes da data da entrevista. Metade dos entrevistados tinha retornado há

menos de dois anos da entrevista, e um quarto há menos de um ano. Como as entrevistas foram realizadas durante o ano de 2012 e o início do ano de 2013, pode-se considerar que a maioria dos entrevistados retornou em plena crise financeira internacional, que apesar de ter começado nos Estados Unidos em 2008, atingiu de maneira mais intensa a Europa, e mais especificamente Portugal, a partir do ano de 2009.

Metade dos entrevistados viveu em Portugal por mais de três anos, sendo que um quarto destes morou no país por período superior a seis anos. A média de permanência em Portugal foi de quatro anos. O tempo de permanência nesse país demonstra que se trata predominantemente de uma emigração de média duração (acima de três anos) (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013).

A maior parte dos entrevistados (85,8%) ficou um tempo de forma irregular em Portugal (Figura 3), contudo mais da metade deles (52,1%) regularizou a sua situação no país, inclusive, em alguns casos com o pagamento de multas. Os percentuais demonstram que, apesar do elevado nível de regularização, pelo menos oito em cada dez dos inquiridos vivenciaram a situação de imigração irregular em terras lusitanas.

Figura 3 – Permanência de forma irregular em Portugal



Fonte: dados da pesquisa, 2012 e 2013.

O perfil dos retornados traçado anteriormente permite classificar a maioria dos entrevistados como vinculada à chamada segunda onda emigratória de brasileiros que foram para Portugal, muito bem caracterizada por Góis et al. (2009), que a identificaram como predominantemente composta por uma população mais jovem, que chegou ao país entre o final da década de 1990 até o ano de 2005, com menor qualificação profissional do que os brasileiros que foram para Portugal na primeira onda emigratória, no início da década de 1990.

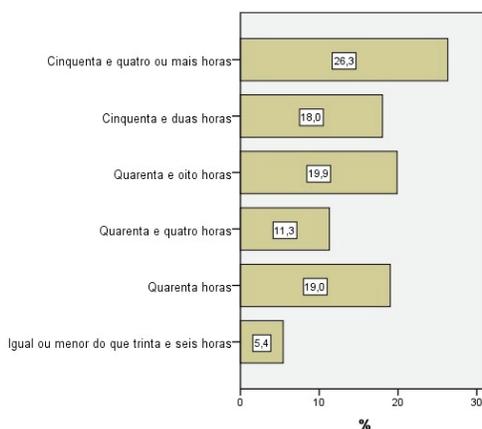
Situação laboral em Portugal

Como se pôde notar na análise do perfil dos entrevistados, trata-se de uma população economicamente ativa, que foi para Portugal com o objetivo de trabalhar, o que foi

apontado por pelo menos 88,5% dos entrevistados. O objetivo inicial foi atendido em menos de quinze dias por pelo menos 68,3% dos entrevistados; outros 15,8% levaram de dezesseis a trinta dias para arrumar trabalho; e apenas 15,9% demoraram mais do que trinta dias. Isso mostra que a rapidez com que se conseguia trabalho em Portugal acabava se transformando em elemento que incentivava a permanência. Primeiro, porque alimentava a esperança do imigrante de conquistar outros objetivos; segundo, porque muitos tinham dívidas contraídas para a viagem e outras responsabilidades no Brasil, que eram relativamente atendidas, ou passavam a ter expectativa de serem atendidas com a conquista de trabalho pouco tempo depois de chegar a Portugal.

Conseguir trabalho não é igual a conseguir emprego. Em Portugal, a formalização do trabalho, que se pode considerar como sua transformação em emprego, se dá por meio do contrato de trabalho, que pode ser temporário ou permanente. Pelo menos 41% dos entrevistados não tiveram contrato de trabalho em Portugal. A falta deste tornava a situação do imigrante ainda mais vulnerável, porque ter um contrato de trabalho era uma das condições legais para que o imigrante conseguisse regularizar sua situação em Portugal (Lei n. 23/2007). Além disso, a falta de um contrato de trabalho sujeitava o imigrante a ter que combinar as jornadas de trabalho, a remuneração e outras características laborais diretamente com o patrão, que por estar em uma posição dominante, e com a frequente promessa de formalização do trabalho, acabava em muitos casos explorando em demasia a mão de obra imigrante. Isso se reflete nas elevadas jornadas de trabalho que os imigrantes tinham em Portugal (Figura 4).

Figura 4 – Jornada semanal de trabalho dos entrevistados em Portugal



Fonte: dados da pesquisa 2012 e 2013.

A Figura 4 demonstra que mais de um quarto dos entrevistados tiveram jornada de trabalho em Portugal superior a 54 horas semanais, e mais de 60% acima de 44 horas semanais, que é a jornada semanal de trabalho máxima segundo a legislação trabalhista brasileira. Existem evidências estatísticas para afirmar que a média da jornada de trabalho semanal em Portugal foi maior do que a média da jornada semanal

de trabalho que os entrevistados tinham no Brasil antes de ir para Portugal² e depois de retornar³ ao Brasil.

Outros dados que demonstram a situação dos entrevistados enquanto trabalhavam em Portugal é a rotatividade laboral e o desemprego. Quase um quarto dos entrevistados teve mais de quatro trabalhos diferentes durante o período em que morou em Portugal, sendo que alguns chegaram a ter mais de dez trabalhos diferentes. Pouco mais de 40% dos entrevistados ficaram alguma vez sem trabalho em Portugal. A grande rotatividade no trabalho, identificada como a realidade de uma parte dos entrevistados, indica a precariedade das relações trabalhistas. Contudo, é importante notar que a maioria dos entrevistados teve apenas dois trabalhos diferentes enquanto morava em Portugal, além disso, 60% informaram não ter ficado sem trabalho nesse país. Essas informações mostram que a rotatividade e o desemprego afetaram alguns brasileiros que viviam em Portugal, mas isso não foi o padrão, a maioria dos entrevistados não vivenciou nenhuma das duas situações enquanto vivia no país.

Em relação às ocupações, os entrevistados atuaram em funções que são apontadas por outros estudos como sendo as predominantes entre imigrantes brasileiros que emigraram para Portugal a partir do final da década de 1990 (PEIXOTO, 2013; PEIXOTO; IORIO, 2011; GÓIS et al. 2009; MALHEIROS, 2007). A maioria, 34%, trabalhava na construção civil; 29% estiveram vinculados a restaurantes, cafés e bares (restauração); limpeza foi a função exercida por quase 10% dos entrevistados; e estética, por 2,3%. O peso da construção civil condiz com o fato de terem sido entrevistados mais homens do que mulheres e com a afirmação feita anteriormente sobre o retorno maior entre homens do que entre mulheres. Apesar de algumas mulheres também atuarem na construção civil, esta ainda é uma atividade exercida predominantemente por homens e, como já afirmado, foi mais diretamente afetada pela crise financeira, o que é um indício da grande quantidade de retornados que atuavam nesse setor em Portugal.

Como já discutido anteriormente, o nível educacional dos entrevistados pode ser classificado como médio, não tendo sido constatado grande percentual de pessoas com nível educacional muito baixo. Além disso, foi possível observar que a remuneração dos entrevistados em Portugal estava relacionada de forma direta e moderada com o nível educacional dos imigrantes.⁴ Isso indica que, para além dos imigrantes em Portugal ocuparem prioritariamente funções que exigiam menor qualificação, o seu nível educacional influenciou a possibilidade de terem maior remuneração, provavelmente porque os entrevistados que estudaram por mais tempo poderiam encontrar maior facilidade para se integrar ao mundo do trabalho em Portugal, bem como conseguir uma ascensão mais rápida no setor em que atuavam.

Enquanto estavam em Portugal, os entrevistados receberam em média uma remuneração de R\$ 2.365. Contudo, acompanhando a realidade brasileira, em que a remuneração dos homens ainda é maior do que a das mulheres (IBGE, 2010),⁵ foi possível constatar que enquanto trabalhavam em Portugal os homens tiveram remuneração maior (média de R\$ 2.693) do que as mulheres (média de R\$ 1.962).⁶ Essa desigualdade no valor da remuneração entre os entrevistados do sexo feminino e masculino já ocorria antes da emigração para Portugal e continuou ocorrendo após o retorno, pelo que não se pode assumir que a condição de emigrante em Portugal é o que determinava a diferença de rendimento entre os sexos. Contudo, é possível perceber que a diferença de rendimento

reflete em parte a diferença de ocupação predominante entre os homens e as mulheres no país. Enquanto eles ocupavam principalmente funções ligadas à construção civil e a restaurantes, elas estavam mais vinculadas à limpeza e ao cuidado com idosos. Esses setores normalmente possuem remuneração diferente, sendo que os primeiros têm remuneração maior do que os outros.

As características laborais dos entrevistados confirmam parcialmente a precarização do trabalho a que parte dos imigrantes brasileiros esteve exposta em Portugal e que já foi muito bem apontada por Egreja e Peixoto (2013, p.53) ao analisarem outro grupo de imigrantes brasileiros no país:

Em síntese, muitos dos imigrantes brasileiros são afetados pela flexibilização e precarização das relações laborais. [...] O facto de muitos deles ocuparem em Portugal posições de Trabalhadores não qualificados; de uma clara maioria se empregar nos sectores onde a fragilidade laboral é comum (Comércio, alojamento e restauração, transportes e similares, Construção e Atividades pessoais, familiares e domésticas); e de a maioria estar ligada a pequenas e médias empresas e a empregadores isolados – reforça a sua vulnerabilidade.

Contudo, a situação dos entrevistados enquanto trabalhavam em Portugal também indicou uma realidade mais estável em alguns aspectos, como rotatividade e desemprego, o que diferencia em parte esses imigrantes dos encontrados por Peixoto e Egreja (*ibidem*). Com base no conhecimento da situação laboral dos entrevistados em Portugal, é possível agora verificar se era uma continuidade da situação de trabalho no Brasil antes da emigração e se essa situação se manteve após o retorno do imigrante ao país.

Situação laboral antes de emigrar e depois de retornar

Os resultados demonstraram que a maioria dos brasileiros que retornaram de Portugal (75,2%) estava trabalhando na época da entrevista, bem como também antes da experiência emigratória (65,7%). Entretanto, grande parte dos que trabalhavam não se encontrava na condição de empregado formalizado com carteira assinada, nem antes de emigrar (57,6%) nem depois de retornar ao Brasil (42,7%). Apesar de a quantidade de trabalhadores informais ainda ser muito alta, chama a atenção o aumento da formalidade após o retorno. Isso reflete em parte a situação do Brasil, que, de forma geral, aumentou a formalização do trabalho. Segundo dados do IBGE,⁷ em 2012 o percentual de empregados com carteira assinada do setor privado no universo da população total ocupada no Brasil era de 49,2%, contra um percentual de 37,9% em 2003. Considerando que a proporção de entrevistados que trabalhava com carteira assinada era de 52,3% após o retorno, pode-se afirmar que a formalidade no trabalho desse grupo era ligeiramente maior do que a observada na realidade brasileira.

A análise dos dados permite considerar que o fato de estar ou não trabalhando após o retorno estava relacionado ao sexo do entrevistado.⁸ Foi possível verificar que mais de 80% dos homens estavam trabalhando após o retorno, enquanto entre as mulheres esse percentual era de 69%. Tais informações confirmam que a inserção laboral da mulher

após o retorno é um pouco mais complicada do que a do homem, o que ajuda a explicar a resistência de muitas mulheres em retornar ao país de origem ou a reemigração delas quando o retorno acontece. Contudo, não se pode afirmar que a relação entre sexo e ter ou não trabalho seja uma consequência do retorno ao Brasil, porque a mesma relação foi constatada antes da emigração dos entrevistados.⁹

Ainda sobre a questão laboral após o retorno ao Brasil, foi possível verificar que o tempo de permanência dos entrevistados em Portugal não influenciou a sua inserção laboral após o retorno. É comum acreditar que o fato de conseguir ou não trabalho após o retorno está relacionado com o tempo que o emigrante ficou no exterior, porque sua ausência poderia dificultar a sua capacidade de reinserção laboral. Entretanto, isso não aconteceu no grupo de entrevistados, pois não foram encontradas evidências estatísticas para se afirmar que a média do tempo de permanência em Portugal dos que declararam ter trabalho após o retorno seja diferente da média do tempo de permanência em Portugal dos que declararam não ter trabalho após o retorno.¹⁰ Tal constatação indica que a inserção no mercado de trabalho por parte dos entrevistados não depende do tempo que ficaram fora do país.

Segundo Pereira e Siqueira (2013), grande parte dos emigrantes alimenta o sonho de ter um negócio próprio ao retornar para o Brasil e, muitas das vezes, esse é um dos principais objetivos de se juntar dinheiro no exterior. Nesse sentido, os resultados demonstram que em parte os retornados estão conseguindo realizar o seu desejo. O percentual dos que eram sócios e/ou proprietários de um negócio aumentou mais de três vezes depois do retorno (18,7%) em relação à situação antes da emigração (6,1%). Esses dados revelam que quase um quinto dos retornados tornou-se empreendedor no Brasil, muitas das vezes com o uso dos recursos acumulados no exterior para viabilizar esses novos negócios.

Os dados demonstram ainda uma pequena melhoria no rendimento¹¹ dos trabalhadores depois de retornar para o Brasil.¹² A única faixa de rendimento que diminuiu foi a dos que declararam receber menos de dois salários mínimos. Todas as outras faixas de rendimento acima desse limite aumentaram, com maior acréscimo no grupo dos que declararam receber de dois a quatro salários. Isso indica que houve uma ampliação no percentual de emigrantes que passaram a ganhar mais após o retorno ao Brasil em comparação ao que recebiam antes de emigrar. Em média, os entrevistados que declararam ter trabalho após o retorno para o Brasil recebiam de dois a quatro salários mínimos.

Sobre as ocupações exercidas pelos entrevistados após o retorno, não houve mudanças significativas em relação ao que faziam antes de ir para Portugal. As cinco principais ocupações continuaram sendo quase as mesmas nos dois períodos em análise, como se verifica no quadro a seguir.

Quadro 1 – As cinco principais ocupações antes de emigrar e após retornar

Ocupações	Antes de emigrar para Portugal	Após o retorno ao Brasil
Agricultor ou lavrador	12,3%	5%
Vendedor e balconista	11,9%	13,1%
Comerciante	4,8%	14,4%
Pedreiro	8,4%	8,9%
Ajudante de pedreiro	3,5%	2,5%

Fonte: dados da pesquisa 2012 e 2013.

Apesar de as principais funções exercidas pelos entrevistados nos dois momentos serem as mesmas, percebe-se uma alteração no percentual daqueles que se declararam como agricultores ou lavradores, que diminuiu de forma significativa (mais de 50%), enquanto os que se declararam como comerciantes aumentou mais em três vezes. O grande aumento do número de comerciantes é mais um indicativo do elevado nível de empreendedorismo entre os retornados, como já mencionado, enquanto a diminuição do percentual de agricultores e lavradores demonstra que muitos entrevistados que exerciam funções rurais antes de emigrar se deslocaram para atividades urbanas após o retorno.

Para quase 30% dos entrevistados, a experiência profissional que tiveram no exterior não valorizou a sua vida profissional após o retorno ao Brasil. Entre os principais motivos apresentados destaca-se o fato de não realizarem a mesma função no Brasil que realizaram enquanto estiveram no exterior. Apesar disso, mencionam que a experiência de vida que tiveram no exterior de forma geral pode auxiliá-los na resolução de problemas do cotidiano laboral no Brasil.

A maior parte dos entrevistados após o retorno de Portugal tinha uma jornada de trabalho semanal compatível com a legislação brasileira, sendo que 67,1% deles trabalhavam no máximo 44 horas semanais. A maioria dos que trabalhavam mais de 44 horas semanais era formada por trabalhadores autônomos e proprietários/sócios do próprio negócio (53,3% dos que trabalhavam mais do que 44 horas semanais), sendo que 32,3% dos trabalhadores autônomos, proprietários e sócios trabalhavam mais de 54 horas por semana. A jornada semanal de trabalho compatível com a jornada máxima no Brasil demonstra a elevada formalização do trabalho entre os retornados, ao mesmo tempo em que a grande jornada de trabalho dos trabalhadores autônomos, proprietários e sócios indica o comprometimento destes com a sua atividade laboral, ilustrando o esforço empreendido pelo retornado para que o negócio se viabilize.

As condições de trabalho dos entrevistados após o retorno, quando comparadas com as condições antes de emigrar para Portugal, apontam para uma melhoria de forma

Os Brasileiros que Retornam de Portugal: atividades Laborais Antes, Durante e Depois geral, com destaque para o rendimento, a formalização e a conquista do negócio próprio por parte dos retornados.

Considerações Finais

A pesquisa demonstrou que o grupo de brasileiros entrevistados é formado principalmente por homens em idade ativa, com nível de escolaridade médio, que permaneceram em Portugal por pelo menos três anos, tendo retornado para o Brasil, predominantemente, durante a crise financeira internacional, e que estão disponíveis para o mercado de trabalho nos locais para onde retornaram no país.

A análise dos dados permite confirmar que as condições de trabalho dos brasileiros como emigrantes em Portugal se enquadram no grupo de atividades secundárias, de acordo com a definição de Piore (1979). Da mesma forma, o grupo em estudo pode ser identificado como pertencente à segunda onda emigratória de brasileiros, identificada por Góis et al. (2009). Nesse sentido, o grupo de emigrantes aqui destacado é formado basicamente por pessoas que atuaram em áreas que exigiam menor qualificação e que, de certa forma, atenderam à demanda de setores da economia portuguesa que estavam em busca de menores custos com mão de obra, mesmo que para isso lançassem mão de relações trabalhistas precárias (PEIXOTO; IORIO, 2011). Isso evidencia que se tratavam de trabalhadores expostos à situação de maior fragilidade frente às alterações do mercado no contexto de crise que domina a economia portuguesa na última década, o que explica, em parte, o retorno para o Brasil (PEIXOTO, 2013). Contudo, foi possível identificar que, apesar da precariedade em alguns aspectos laborais, os brasileiros vivenciaram uma situação positiva no que tange ao tempo para conseguir trabalho em Portugal e à baixa rotatividade laboral. E o fato de a maioria não ter ficado sem trabalho de certa forma pode ter contribuído para a permanência por mais tempo no país.

As características laborais dos entrevistados antes de emigrar para Portugal e após o retorno para o Brasil demonstraram de maneira geral uma melhoria nos rendimentos e a formalização do trabalho após o retorno, além de uma ampliação significativa no percentual de proprietários de um negócio próprio. Além do mais, foi possível constatar que não houve grandes alterações em relação às ocupações que os emigrantes tinham antes de ir para Portugal e após o retorno ao Brasil. Tais características permitem afirmar que a reintegração laboral dos retornados está acontecendo de forma satisfatória para a maioria dos entrevistados.

Dentro desse contexto, é possível notar que as características laborais dos retornados antes, durante e depois da emigração dizem muito a respeito das possibilidades de reintegração laboral. Os resultados apresentados ajudam a perceber as probabilidades de reemigração e os caminhos possíveis para políticas que tenham como público-alvo os brasileiros que retornam.

Referências Bibliográficas

ANÍCIO, L. M. *O imigrante internacional de retorno e sua inserção no mercado de trabalho*: um estudo entre as microrregiões Teófilo Otoni e Poços de Caldas. Belo Horizonte:

Silva, R. V. e Fernandes, D. M.

2011. Dissertação (Mestrado em Geografia: Tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

BAGANHA, M. I. The Lusophone Migratory System: Patterns and Trends. *International Migration*, v.47, n.1, p.5-20, Jul. 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2435.2009.00522.x/abstract>>. Acesso em: 14 maio 2014.

BAILEY, A. *Making Population Geography*. London: Hodder Arnold, 2005.

BOYD, M. Family and Personal Networks in International Migration: Recent Developments and New Agendas. *International Migration Review*, v.23, n.3, Special Silver Anniversary Issue: International Migration an Assessment for the 90's (autumn, 1989), p.638-70. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2546433>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

CASSARINO, J. P. Theorising Return Migration: the Conceptual Approach to Return Migrants Revisited. *International Journal on Multicultural Societies (IJMS)*, UNESCO, v.6, n.2, p.253-79, 2004. Disponível em: <www.unesco.org/shs/ijms/vol6/issue2/art4> Acesso em: 27 mar. 2013.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The Age of Migration: international Population Movements in the Modern World*. London: The Guilford Press, 1998.

CERASE, F. P. Expectations and Reality: a Case Study of Return Migration from the United States to Southern Italy. *International Migration Review*, v.8, n.2, , p.245-62, 1974. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3002783>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

EGREJA, C.; PEIXOTO, J. Imigração, flexibilidade e precariedade laboral: o caso dos imigrantes brasileiros em Portugal. *Revista Migrações*, Lisboa, n.11, ACIDI, p.21-56 setembro de 2013,;. Disponível em: <<http://www.oi.acidi.gov.pt/>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

FAWCETT, J. T. Networks, Linkages, and Migration System. *International Migration Review*, v.23, n.3, Special Silver Anniversary Issue: International Migration an Assessment for the 90's (Autumn, 1989), p.671-680. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2546434>>. Acesso em: 29 ago. 2014

FERNANDES, D. M. *Positive Factors and Obstacles to a Sustainable Reintegration in Brazil*. Lisbon: International Organization for Migration (IOM), 2013. 138p. Relatório. Disponível em: <http://publications.iom.int/bookstore/index.php?main_page=product_info&cPath=41_7&products_id=1022>. Acesso em: 7 set. 2015.

GMELCH, G. Return Migration. *Annual Review of Anthropology*, v.9, p.135-59, 1980. <Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2155732>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

GÓIS, P. et al. Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. In: PADILLA, B.; XAVIER, M. (orgs.). *Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina*, Lisboa, n.5, ACIDI, p.11-133, outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

HARRIS, J. R.; TODARO, M. P. Migration, Unemployment and Development: a Two-sector Analysis. *American Economic Review*, n.60, p.126-42, 1970. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/aer/top20/60.1.126-142.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censos Demográficos*. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>> Acesso em: 7 set. 2015.

KING, R. Geography and Migrations Studies: Retrospect and Prospect. *Population, Space and Place*, n.18, p.134-153, August 2011. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/journal>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

MABOGUNGE, A. Systems Approach to a Theory of Rural-urban Migration. *Geographical Analysis*, v.2, p.1-18, january 1970. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1538-4632.1970.tb00140.x/abstract>>. Acesso em: 5 jul. 2014.

MALHEIROS, J. M. Os brasileiros em Portugal: a síntese do que sabemos. In: _____ (org). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007, p.11-37.

MASSEY, D.; ARANGO, J.; HUGO, G.; KOUAOUCI, A.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J.E. *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium*. IUSSP, New York: Oxfordpress, 2009.

MASSEY, D. The Social Organization of Mexican Migration to the United States. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v.487, Immigration and American Public Policy (Sep. 1986), p.102-13. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1046056>>. Acesso em: 1º set. 2014.

MYRDAL, G. *Rich Lands and Poor: the Road to the World Prosperity*. New York: Harper & Row, 1957.

NOIN, D. *La géographie de la population*. Paris: Armand Colin, 2005.

NUNAN, C. S. *De volta para casa: a reinserção do migrante internacional retornando no mercado formal de trabalho*. Belo Horizonte, 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia: Tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>> Acesso em: 10 maio 2013.

_____. *As vagas atlânticas e a onda de retorno: movimentos migratórios de Portugal para o Brasil no início do século XXI*. Belo Horizonte, 2012. Tese (Doutorado em Geogra-

Silva, R. V. e Fernandes, D. M.

fia: Tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

PEREIRA, S.; SIQUEIRA, S. Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. *REMHU – Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, CESEM, ano 21, n.41, p.117-138, jul.-dez. 2013. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/remhu/v21n41/07.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2014.

PEIXOTO, J. Imigração, emprego e mercado de trabalho em Portugal: os dilemas do crescimento e o impacto da recessão. In: FONSECA, M. L. et al. *Migrações na Europa e em Portugal: ensaios de homenagem a Maria Ioannis Baganha*. Coimbra: Almeida, 2013, p.159-84.

_____; IORIO, J. *Crise, imigração e mercado de trabalho em Portugal: retorno, regulação ou resistência?* Parede: Principia, 2011.

PIORE, M. *Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies*. New York: Cabridge University Press, 1979.

PORTES, A.; BOROCZ, J. Contemporary Immigration: Theoretical Perspectives on Its Determinants and Modes of Incorporation. *International Migration Review*, v.23, n 3, Special Silver Anniversary Issue: International Migration an Assessment for the 90's (autumn, 1989), p.606-30. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=01979183%28198923%2923%3A3%3C606%3ACITPOI%3E2.0.CO%3B2-2>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

PORTUGAL. Assembleia da República. Lei n. 23 de 4 de Julho de 2007. Aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional. Diário da República, 1ª série, n.127, p.4290-330. Disponível em: <<http://www.acidi.gov.pt/es-imigrante/legislacao/legislacao-portuguesa/entrada%20permanencia-e-saida-de-estrangeiros>>. Acesso em: 30 out. 2013.

SASSEN, S. A Sociology of Globalization. In: ALEXANDER, J. C. (ed.). *Contemporary Societies Series*. New York: W.W. Norton, 2007.

_____. Regulating Immigration in a Global Age: A New Policy Landscape. In: *Parallax*. London, Taylor & Francis, v.11, n.01, p.35-45, 2005. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/toc/tpar20/11/1#.U_3uyOI0zIU>. Acesso em: 27 ago. 2014.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. In: *Travessia: revista do migrante* (especial). São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios, janeiro de 2000.

SIQUEIRA, S. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

SINGER, P. Migraciones internas: consideraciones teóricas sobre seu estudio. *Derechos Humanos*. Órgano Informativo de la Comisión de Derechos Humanos del Estado de México. Ciudad del Mexico, n.62, p.51-67, julio-agosto, 2003. Disponível em: <<http://www.juridicas.unam.mx/publica/rev/indice.htm?r=derhum&n=62>> Acesso em: 19 mar. 2013.

SJAASTAD, L. A. The Costs and Returns of Human Migration. *Journal of political economy*, n.70, v.5, p.80-93, Oct. 1962. Tradução de Hélio A. de Moura. In: MOURA, H. A. *Migração interna: textos selecionados*. Fortaleza: BNB, 1980.

STARK, O. *The Migration Labour*. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.

VALERIANO, R. *Por que, apesar da crise, alguns voltam e outros ficam? Uma análise comparativa da imigração de retorno de Portugal para o Brasil*. Belo Horizonte, 2015. Tese (Doutorado em Geografia: Tratamento da Informação Espacial) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.sistemas.pucminas.br/BDP/SilverStream/Pages/pg_BDPPrincial.html>. Acesso em: 7 set. 2015.

UNITED NATIONS. *International Migration Report 2013*. New York: Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2013. 22p. Relatório. Disponível em: <<http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migration-report/migreport.shtml>>. Acesso em: 7 set. 2015.

Recebido em: 12/4/2014

Aceito em: 17/11/2014

¹ Projeto CNPq n. 477167/2010-1.

² De outra forma, verifica-se, com 99% de confiança, que a média da jornada semanal de trabalho em Portugal foi superior à média da jornada semanal de trabalho que os entrevistados tinham antes de emigrar ($t_{(459)} = 15,188$; p-value < 0,001) – Teste t para duas amostras emparelhadas.

³ De outra forma, verifica-se, com 99% de confiança, que a média da jornada semanal de trabalho em Portugal foi superior à média da jornada semanal de trabalho que os entrevistados tinham após o retorno ($t_{(523)} = 12,497$; p-value < 0,001) – Teste t para duas amostras emparelhadas.

⁴ Verifica-se, com 95% de confiança, que a remuneração está relacionada com o nível educacional dos entrevistados enquanto trabalhavam em Portugal (Sig = 0,02 < 0,05 e o Spearman $_{(679)} = 0,118$ > 0) – Coeficiente de Spearman.

⁵ Dados do Censo Demográfico brasileiro de 2014. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tab_ela/protabl.asp?c=3548&z=cd&o=17&i=P>. Acesso em: 23 jul.2014.

⁶ Existem evidências estatísticas para se afirmar que a média da remuneração das mulheres é diferente da média da remuneração dos homens enquanto trabalhavam em Portugal ($t_{(693)} = 8,220$; p-value < 0,032). De fato, é possível verificar que os homens tinham em média uma remuneração maior (R\$ 2.693) do que as mulheres (R\$ 1.962). Conclui-se, assim, que o sexo influenciou a remuneração dos emigrantes enquanto trabalhavam em Portugal. Teste t para duas amostras independentes.

⁷ Fonte: IBGE. Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&id_noticia=2368&busca=1&t=especial-dia-trabalho-82-4-empregados-setor-privado-possuiam-carteira-assinada-2012>. Acesso em: 9 maio 2014.

⁸ Para um nível de significância de 0,05 (ou superior a 0,000) existem evidências estatísticas para se afirmar que o sexo e o estar ou não trabalhando estão relacionados (p-value = 0,000), isto é, o sexo

influencia estar ou não trabalhando após o retorno (Sig = 0,000 confirma a dependência entre as variáveis). Teste do Qui-quadrado χ^2 .

⁹ Para um nível de significância de 0,05 (ou superior a 0,000) existem evidências estatísticas para se afirmar que o sexo e o ter ou não trabalho antes de emigrar para Portugal estão relacionados (p-value = 0,000), isto é, o sexo influenciou ter ou não trabalho antes de emigrar para Portugal (Sig = 0,000 confirma a dependência entre as variáveis). Teste do Qui-quadrado χ^2 .

¹⁰ De fato, tanto os que declararam ter trabalho como os que declararam não ter trabalho após o retorno não apresentam diferença significativa no tempo que permaneceram em Portugal. Conclui-se, assim, que o tempo que ficaram em Portugal não influenciou o fato de terem ou não trabalho após o retorno ao Brasil ($t_{(703)} = -0,691$; p-value < 0,490). Teste t para duas amostras independentes.

¹¹ Pode-se confirmar ainda que esse aumento na remuneração não se baseia no aumento real do valor do salário no Brasil, que, como se sabe, aumentou acima da inflação nos últimos anos, porque o entrevistado respondia quantos salários mínimos recebia, e não o valor exato da remuneração.

¹² Existem evidências estatísticas para se afirmar com 95% de confiança que a média da remuneração após o retorno ao Brasil é superior à média da remuneração que os entrevistados tinham antes de ir para Portugal ($t_{(370)} = 6,917$; p-value < 0,001) – Teste t para duas amostras emparelhadas.